

## NOTAS DE LIVROS

# O Futuro das Bibliotecas

LANCASTER, F. Wilfrid. *Libraries and the future; essays on the library in the Twenty-First Century*. New York: Haworth, 1993, ISBN 1-56024-382-1.

Como será a biblioteca no ano 2020? Aliás, haverá sequer bibliotecas nesse futuro? Questões como esta é que são discutidas neste livro, organizado pelo Prof. Lancaster, da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign (EUA), e figura bastante conhecida dos profissionais de informação no mundo inteiro. Conforme ele explica na introdução ao volume, traz o livro uma visão pessoal de vários autores sobre o aspecto que poderá assumir a biblioteca por volta do ano 2020.

Entre os colaboradores incluem-se nomes bastante conhecidos do público brasileiro, tais como os de Maurice Line, A. Neelameghan e Jeannette Kremer. Alguns outros podem não ser conhecidos, ou tão conhecidos, mas são profissionais que ocupam posições de destaque em seus países. E a abrangência geográfica é bem ampla, pois quatro dos continentes estão representados, como lembra Lancaster. O leitor vai encontrar trabalhos de autoria de professores universitários, diretores de grandes bibliotecas públicas e universitárias, e de centros de informação, consultores, dentre outros. O próprio Lancaster contribuiu com um dos trabalhos. É de se lamentar, apenas, que não haja sequer uma identificação das instituições a que estão vinculados esses autores. Alguns são identificáveis a partir do próprio texto ou da introdução do organizador.

Como não podia deixar de ser, as tecnologias de informação e seu impacto nas bibliotecas e nos serviços de informação constituem um dos temas mais discutidos em todo o livro. A tecnologia, que parece ameaçar bibliotecas e bibliotecários, pode tornar-se uma poderosa

aliada dos dois, se os profissionais da área souberem utilizá-la a serviço de suas instituições. É a mensagem que está implícita em vários dos textos. Por exemplo, o capítulo de autoria de Kenneth E. Dowlin, diretor da Biblioteca Pública de S. Francisco (EUA). O autor fala dos planos grandiosos para construção do novo prédio da biblioteca e do sustentáculo dessa iniciativa, o apoio da comunidade, identificado através de pesquisa realizada entre os usuários - elementar, ouvir o usuário! De acordo com essa pesquisa, os usuários querem que a Biblioteca continue oferecendo os serviços tradicionais das bibliotecas públicas, tais como empréstimo de livros e outros materiais, atendimento por bibliotecários de referência, e atividades do tipo "Hora do Conto". Além disso, os usuários querem também uma biblioteca tecnologicamente sofisticada, e não entendem o dilema dos bibliotecários, que consideram livros e computadores como coisas talvez incompatíveis. "Queremos ambos!", dizem os usuários.

Essa convivência, pacífica e complementar, do papel e do meio eletrônico é também a tônica do capítulo de autoria de Maurice Line, cujas previsões nesse terreno repetem o que outros autores já têm anunciado: que alguns tipos de livros se adaptarão melhor ao formato eletrônico (a maioria dos tipos de obras de referência, por exemplo), ao passo que outros deverão manter o formato tradicional, em papel (muitas das obras de ficção, por exemplo).

Assim, a maioria dos colaboradores deixa entender que livros e computadores continuarão coexistindo. Mas há aqueles que, mesmo correndo o risco de cometer o equívoco em que já incorreram outros no passado - o de prever o fim do papel como suporte de informação, como é o caso do próprio Lancaster - insistem na tese de que livros e bibliotecas estão em processo de extinção. É a posição de Lauren H. Seiler e Thomas T. Surprenant, que são dramáticos a esse respeito: "Jornais e revistas não mais serão impressos em papel, nada o será. Todas as informações serão convertidas em dígitos e lidas em telas. O meio digital em sua plena capacidade estará disponível em todo lugar. Livros, como os conhecemos atualmente, serão relíquias do passado. Os usuários de informação poderiam acessar eletronicamente versões dos livros impressos de hoje em dia, mas raramente o farão. Os usuários acostumar-se-ão com imagens coloridas e em movimento; o tempo gasto com material de leitura baseado apenas em texto será muito pouco." (p. 171).

Em meio às previsões generalizadas e vagas de sempre, de pouca utilidade e, aparentemente, inevitáveis - mas evitáveis! - nesse

tipo de livro, torna-se instrutivo ler o capítulo de autoria do veterano Fred Kilgour, ex-diretor da rede OCLC e responsável pelo retumbante sucesso que a rede conseguiu em seus primórdios, nos anos 70. Kilgour lembra duas vantagens que a tecnologia pode trazer ao material informativo: a possibilidade de personalização dos livros-textos (de acordo com o programa ou estilo de cada professor, por exemplo) e a disponibilidade de material que, em outro tipo de suporte físico, tornar-se-ia impraticável.

Podem-se relacionar outras idéias/temas recorrentes: que a profissão do bibliotecário precisa mudar, passando a enfatizar outras habilidades, especialmente a gerencial; que as bibliotecas serão avaliadas pelos serviços prestados e não pelos acervos que possuírem; e que a biblioteca como instituição continuará a existir, mesmo fisicamente. Com relação a este último ponto, na realidade, os exemplos recentes de investimentos consideráveis em bibliotecas servem muito bem para corroborar essa afirmação. No livro, como já mencionado, há referência à nova biblioteca de São Francisco (EUA), onde estão sendo investidos 260 milhões de dólares. Na França, por outro lado, constrói-se a monumental Biblioteca da França, projetada para ser a marca da "era Mitterrand".

Entretanto, pode ser que efetivamente chegue o dia em que as bibliotecas, como entidades físicas, desapareçam. Ainda assim, de acordo com Lancaster, no capítulo de sua própria autoria, parece que os bibliotecários permanecerão. Ele afirma que independentemente do que vier a acontecer com a biblioteca, as habilidades do bibliotecário bem treinado e experiente dificilmente poderão ser substituídas por máquinas. São aquelas tarefas essencialmente intelectuais, tais como a análise de assunto, a interpretação das necessidades de informação dos usuários, e o desenvolvimento de estratégias de busca. E lembra, a propósito, uma citação de Horton em que este afirma serem a criatividade, o talento e o poder mental "os verdadeiros 'bens de capital' da Economia da Informação, e não máquinas de processamento de informação." (p. 154).

Um clamor que no livro se ouve refere-se à necessidade de se formar líderes para a profissão, e não apenas técnicos, por mais capazes ou competentes que estes possam ser. É um pedido que os bibliotecários brasileiros deveriam transformar numa palavra de ordem e numa bandeira. Na minha opinião, poucas iniciativas poderão ser mais importantes para os nossos profissionais do que aquelas que visem ao desenvolvimento de lideranças convincentes, articuladas,

capazes de levar a profissão a atender à expectativa que se tem criado, segundo a qual numa sociedade da informação o bibliotecário teria um papel relevante a desempenhar. Este livro deixa claro que há todo o potencial para isso, se esse profissional assim o desejar.

Para o público brasileiro, são de especial interesse os capítulos de autoria de A. Neelameghan e de Jeannette Kremer. O primeiro, trata-se da questão no Terceiro Mundo, de um modo geral, defendendo o ponto de vista de que a tecnologia terá um impacto benéfico, mesmo nesse contexto. Kremer discute as perspectivas para os serviços e profissionais de informação no Brasil, traçando um amplo panorama das condições econômicas, sociais e políticas do país, da questão educacional e das políticas de informação existentes, para concluir que "o desafio real do futuro estará na solução dos problemas mais básicos da nação, que são inseparáveis da questão do acesso à educação e à informação." (p. 128).

A mescla de colaboradores tanto na área acadêmica quanto da prática profissional faz com que se tenha uma visão bem abrangente e diversificada do tema. O livro é de leitura amena, indicado naturalmente para as bibliotecas dos cursos de biblioteconomia e ciência da informação, mas também altamente recomendado para administradores de bibliotecas e serviços de informação bem como para todos os demais envolvidos ou interessados no futuro dessas instituições e dos profissionais que nelas militam. Não se poderia esperar do prof. Lancaster outra coisa que não uma obra de qualidade, especialmente oportuna neste momento em que os bibliotecários enfrentam o desafio de se prepararem para esses novos tempos que já se anunciam.

***Eduardo José Wense Dias***

*Professor da Escola de Biblioteconomia da UFMG*